

QUANDO A VIOLÊNCIA NÃO ENCONTRA ESCUTA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA ESCOLAR

Carla Carvalho Carniel

IFSP Campus São Carlos

carla.carniel@aluno.ifsp.edu.br

Resumo:

Este relato de experiência problematiza situações de violência vivenciadas no ambiente escolar, tomando como eixo de reflexão a ausência de escuta e os impactos dessas experiências na construção da autoestima. A partir da retomada autobiográfica de episódios de *bullying*, constrangimento, exclusão e silenciamento, o texto discute como práticas tratadas como brincadeiras ou acontecimentos banais podem produzir sofrimento e dificultar o reconhecimento da voz de meninas no espaço educativo. Espera-se que o relato contribua para ampliar o debate sobre escuta, acolhimento e enfrentamento da violência de gênero na escola.

Palavras-chave: Violência Escolar; Violência de Gênero; Silenciamento.

1) Introdução

Abordar a violência no contexto escolar implica revisitar experiências que, por muito tempo, permaneceram silenciadas, tanto pela dor que carregavam quanto pela ausência de espaços legítimos de escuta. Ao olhar para trás, compreendo que muitas das situações que vivi enquanto estudante não foram apenas experiências individuais, mas parte de uma realidade escolar marcada pela naturalização da agressividade, da exclusão e do sofrimento nos espaços educativos.

Mais do que episódios isolados, essas vivências se mantinham justamente porque, na escola, raramente existiam lugares seguros onde fosse possível falar sobre o que acontecia. A ausência de acolhimento, diálogo e escuta contribuía para que a violência fosse tratada como algo banal, invisível

e, muitas vezes, inevitável, produzindo o silenciamento de crianças e adolescentes que enfrentavam essas situações no cotidiano escolar.

Este relato nasce do desejo de problematizar uma trajetória escolar marcada por situações de violência, intimidação e ausência de escuta. Quando meninas não encontram espaços legítimos para expressar suas dores e experiências no ambiente escolar, o sofrimento tende a se prolongar e atravessar não apenas a infância, mas também outros momentos da vida. Ao transformar minha trajetória em objeto de reflexão, busco compreender como essas experiências contribuíram para a invisibilização do sofrimento e produziram impactos na construção da autoestima.

Minhas experiências com *bullying* iniciaram-se ainda nos primeiros anos da vida escolar, quando vivenciei formas de violência física e simbólica. O *bullying* pode ser compreendido como um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticadas por um agressor contra uma ou mais vítimas que se encontram em situação de vulnerabilidade ou impossibilidade de defesa (Silva, 2010). Foi na primeira instituição em que estudei, uma escola confessional de orientação religiosa, que esses episódios começaram a se delinear de forma mais evidente. O cotidiano escolar era marcado por rígidas normas de conduta e pela forte presença de práticas religiosas, como missas, organização do altar e participação em coral.

Essa forma de organização dialoga com o que Michel Foucault denomina de poder pastoral, caracterizado pela condução das condutas e pela orientação moral dos sujeitos (Foucault, 2003). Nesse contexto, vivenciei agressões físicas e verbais recorrentes. Voltava para casa com hematomas, mordidas e marcas deixadas por outras crianças, mas muitas dessas situações permaneciam restritas ao espaço escolar, sem encaminhamentos formais ou intervenções sistemáticas.

Gradualmente, o silêncio passou a se constituir como estratégia de autopreservação. Evitar falar sobre o que acontecia parecia, muitas vezes, a única maneira de lidar com situações que não encontravam reconhecimento ou acolhimento no ambiente escolar.

2) Objetivo e percurso da experiência

O objetivo deste relato é apresentar e problematizar uma experiência escolar marcada por situações de violência, silenciamento e ausência de escuta, refletindo sobre como essas vivências atravessaram a construção da autoestima e a percepção da própria voz no ambiente escolar.

Este trabalho caracteriza-se como relato de experiência, construído a partir da retomada reflexiva de situações vivenciadas ao longo da trajetória escolar da autora.

Em 2001, ao ingressar no ensino fundamental em uma escola pública estadual, iniciei uma nova etapa da trajetória escolar. Contudo, apesar da mudança de instituição, as práticas de violência e intimidação não cessaram. Os períodos de recreio tornavam-se, para mim, espaços de tensão e insegurança. Em algumas ocasiões, escondia-me para comer sozinha, tentando evitar constrangimentos.

As tentativas de aproximação e amizade frequentemente se convertiam em situações de humilhação. Empurrões, xingamentos e exposições constrangedoras tornavam-se recorrentes. Recordo-me de ser levada à força para o banheiro dos meninos ou colocada no brinquedo do parque, o gira-gira, que era impulsionado com força até que eu sentisse tontura e náuseas, mesmo após pedir que parassem.

À medida que tais práticas eram interpretadas no lugar comum da “brincadeira de criança”, contribuía-se para a naturalização da violência e para a invisibilização do sofrimento. A repetição desses episódios, aliada à ausência de intervenções consistentes por parte da escola, reforçava a ideia de que determinadas formas de agressão eram aceitáveis no cotidiano escolar.

Esse processo também se articulava à construção de uma narrativa de legitimação da violência de gênero, na qual determinadas práticas eram relativizadas ou interpretadas como parte das interações entre estudantes. Paralelamente, observava-se a culpabilização implícita da vítima, na medida em que o sofrimento experimentado era frequentemente minimizado ou compreendido como exagero.

Nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, o controle sobre os corpos e comportamentos femininos tornou-se ainda mais evidente.

Expressar incômodo ou denunciar situações de constrangimento podia resultar em novos julgamentos ou na desqualificação da experiência vivida. Dessa forma, o silenciamento não se apresentava apenas como consequência de episódios isolados de violência, mas como efeito de uma cultura escolar que regulava os corpos femininos e delimitava quais vozes eram legítimas e quais deveriam permanecer contidas.

3) Considerações

Ao revisitar essa trajetória, torna-se possível compreender que tais vivências não se configuram apenas como acontecimentos individuais, mas como expressões de mecanismos de silenciamento presentes no ambiente escolar. A naturalização da violência, a culpabilização da vítima e a ausência de espaços efetivos de escuta produziram impactos que ultrapassaram o momento vivido, alcançando a construção da autoestima.

4) Referências

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV**: estratégia, poder saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Fontanar, 2010.